

# **Langoni revê dívida nos EUA**

O Banco Central informou ontem que o seu presidente, Carlos Geraldo Langoni, passará toda a próxima semana em Nova Iorque para os contatos com os dirigentes de bancos norte-americanos, europeus, japoneses e canadenses, integrantes do novo comitê de assessoramento ao programa brasileiro de ajuste das contas externas. Langoni viajará no próximo domingo e só retornará no sábado seguinte, mas o diretor da área externa do BC, José Carlos Madeira Serrano, assegurou que "não consta da agenda" qualquer encontro com membros do governo norte-americano para o pedido de nova ajuda dos Estados Unidos ao Brasil.

A diretoria da área externa do BC já enviou os convites para os bancos integrarem o novo comitê de assessoramento e aguarda uma rápida resposta sobre a aceitação do pedido de adesão. Madeira Serrano explicou que a substituição do comitê de ligação — com par-

ticipação direta apenas do Morgan Guaranty Trust, Citibank, Chase Manhattan e Bankers Trust, todos norte-americanos — visa não apenas aumentar o número de bancos participantes da montagem do programa brasileiro para o balanço de pagamentos deste ano, como também "dar destaque" às instituições com maior volume de operações com o País.

Com o aumento dos bancos envolvidos na montagem dos quatro projetos do programa apresentado em dezembro de 1982 aos credores externos, o Banco Central espera contornar o ressentimento dos banqueiros europeus, decorrente da concentração de poderes junto aos quatro grandes bancos norte-americanos. O porta-voz do BC, Reynaldo Domingos Ferreira, chegou a anunciar o convite ao First National Bank of Chicago, em almoço de Langoni com os vice-presidentes do banco norte-americano, Arthur Mas-

solo e Philip Parkson, para integrar o comitê de assessoramento. Mas os próprios dirigentes do banco de Chicago negaram o convite, o que viria a confirmar o interesse do Banco Central na aproximação com os bancos regionais dos Estados Unidos e de outros países.

O diretor da área externa do BC também reiterou que o Brasil não pretende apresentar pedido algum para nova renegociação da dívida ou para ingresso de recursos novos, além do previsto no programa pré-estabelecido em dezembro último. Garantiu que a tarefa do comitê de assessoramento será "recompor os fundos dos quatro projetos", ao registrar que o jumbo de US\$ 4,4 bilhões e o congelamento das amortizações da parcela de US\$ 4,4 bilhões da dívida a vencer este ano "vão caminhando", mas os créditos comerciais e interbancários ainda exigem "maiores atenções".